# Um quarto de século perdido

Ao longo do século XX, o PIB do Brasil cresceu 110 vezes, com taxa média anual de 4,8%. Só alguns Tigres Asiáticos (Taiwan e Coreia do Sul) e países como a Finlândia, Noruega e Japão tiveram crescimento comparável.

Nas primeiras décadas do século XX, o PIB do Brasil manteve-se quase estagnado. De 1920 a 1980, o processo de urbanização e industrialização pelo qual o país passou fez o PIB dobrar a cada 20 anos.

Entre 1946 e 1964, época em que voltou a ter regime democrático após o longo período do Estado Novo, o Brasil passou por uma fase de intenso crescimento. Nos "anos dourados" da segunda metade da década de 1950, o Plano de Metas do governo JK (Juscelino Kubitschek) promoveu a aceleração do crescimento econômico.

A partir de 1964, quando se inicia o ciclo de governos autoritários, a decisão dos militares em tornar o Brasil uma potência emergente e a disponibilidade externa de capitais aceleraram e diversificaram o crescimento do país, especialmente entre 1968 e 1974, época conhecida como a do "milagre" brasileiro. Na década de 1970, o PIB cresceu quase 9,0% ao ano, e em quatro deles, o incremento foi superior a 10%. Em 1973, a economia cresceu 14%, resultado jamais alcançado em qualquer outro período da história.

Todavia, o país continuou vulnerável a impactos externos, como ficou patente pelas consequências geradas pelo primeiro "choque do petróleo" (1973). No ano seguinte, a alta dos juros internacionais desacelerou a expansão da economia. Em 1978, a combinação entre os efeitos da crise do petróleo, da recessão internacional e do aumento das taxas de juros, colocou a dívida externa brasileira em patamares elevadíssimos. Em 1979, o segundo "choque" do petróleo, agravou ainda mais esse quadro.

Nas duas últimas décadas do século XX, a economia brasileira manteve-se praticamente estagnada. A década de 1980 foi dominada pela questão do endividamento externo e suas implicações e por acelerado aumento da inflação.

Como consequências dessa "década perdida", houve recuo das fontes de financiamento para o desenvolvimento e crescimento crônico da inflação. A crise de 1981-1983 foi brutal, levando o país a decretar moratória em 1987.

A década de 1990 também apresentou crescimento pífio, com exceção dos anos de 1994 e 1995, como reflexo da implementação do Plano Real. Nos anos de 1997 e 1998, o crescimento voltou a cair, em razão das conturbadas conjunturas externas (crises da Ásia e da Rússia) e internas (altas taxas de juros e câmbio valorizado). Nesses anos, o crescimento não atingiu 1%, abaixo, portanto, do crescimento populacional.

Em 2000, esboçou-se uma recuperação, porém ela mais uma vez foi abortada por conta da crise na Argentina, da desaceleração da economia norte-americana e da crise interna de energia. Em 2002 e 2003, o crescimento continuou baixo por causa das incertezas relacionadas à eleição presidencial e à retração da economia mundial. Em 2004, devido a conjunturas internas e externas favoráveis, o PIB cresceu 5,7%, o maior incremento desde 1994.

Uma análise do PIB brasileiro nos últimos 25 anos permite concluir que o país teve não uma, mas "duas décadas e meia perdidas", período em que crescimento médio do PIB foi pouco superior a 2%, muito abaixo dos registrados nas décadas anteriores.